Prepara que Agora é Hora do show da poderosa? Reflexões Sobre a Importância do Uso da Televisão em um Programa de Correção de Fluxo no Estado do Acre

Wagner da Costa SILVA[1]
Universidade Federal do Acre - Ufac

RESUMO

Este artigo procura discutir se é o uso da televisão o principal instrumento que propicia a permanência no ambiente escolar de estudantes que dele tinham saído, na maioria das vezes sem a intenção de voltar. Tomamos como objeto de pesquisa, as telesalas do Projeto Poronga, iniciativa para correção de fluxo desenvolvida com sucesso no estado Acre. Procura-se desenvolver uma visão crítica sobre a inserção da TV como estratégia de melhoria dos índices de um sistema educacional, no caso o brasileiro, perpassado por problemas de estrutura e investimento. A pesquisa mostra que não é apenas o uso da televisão em sala de aula que explica o sucesso da iniciativa, mas a relação estabelecida entre os alunos, os professores e a escola.

PALAVRAS-CHAVE: Telecurso; Projeto Poronga; Televisão.

Televisão e escola: um olhar crítico

Indiscutivelmente a televisão é hoje o principal meio de comunicação de nosso país. Presente em mais de 95% das residências, segundo último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ela vem disseminando culturas, fomentando novas formas de sociabilidade, mudando a relação das pessoas com o consumo e, também, ocupando um espaço de importância cada vez maior no processo educativo.

Diante do poder que a televisão conquistou, urge o momento que a escola não pode mais brigar com esse meio, mas torná-lo um aliado no processo de *ensinoaprendizagem*. É preciso aproximar os alunos de outras linguagens, de outros sons, imagens, fazê-lo vivenciar os conteúdos de forma cada vez mais próxima do seu cotidiano. Esse passo é irreversível!

Para Cortês (2003), "não podemos dar as costas para um meio de comunicação tão presente no cotidiano de nossos alunos; não podemos desprezar um recurso tão poderoso, quando vivemos protestando contra a falta generalizada de recursos que assola o ambiente escolar".

[1] Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Acre. Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense. email: wagnercostas@hotmail.com

No entanto, é preciso ter consciência que quando colocados dentro das salas de aulas, esses instrumentos carregam, em sua maioria, mensagens pré-fabricadas permeadas de interesses políticos. Como bem lembra Freire (2000, p.12), "a televisão é uma coisa fantástica, mas é preciso que a gente se ponha diante dela, como diante de tudo, muito criticamente".

Todavia, em um país que apresenta sérios problemas em seu sistema educacional, que perpassam a estrutura das escolas, a baixa remuneração dos professores e um alto índice de desistência, o que faz com que muitos estudantes fiquem no meio do caminho e não concluam seus estudos, a simples inserção da televisão ou de outras mídias não pode ser vista como a tábua de salvação para que todas as mazelas apresentadas aqui sejam resolvidas. Como destaca Masseto (2010, p.135).

> A tecnologia reveste-se de um valor relativo e depende desse processo. Ela tem sua importância apenas como um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém. Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional no Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes.

Deve-se destacar, que o sucesso da escola não se resume apenas ao que acontece dentro de sala de aula, mas pelas relações estabelecidas pelos diferentes atores que transitam pelos seus corredores, pelo investimento na sua estrutura, nos seus professores e o estrateimento de laços com as famílias. Partindo desses pressupostos, a inserção de tecnologias no ambiente escolar será mais um elemento que propiciaria um melhor aprendizado, mas não o único.

Como destacam Calazans e Braga (2001), a obtenção de acesso ao ambiente escolar não assegura os mesmos resultados. O que faz ver que as competências escolares estão ancoradas nos estímulos famíliares e dos grupos primários à escola, e nos ambientes de vivência concomitantes à situação de ensino.

A inserção da televisão, do computador ou de outros artefatos tecnológicos não devem servir para mascarar as debilidades do nosso sistema de ensino, calcado de forma cada vez mais evidente na melhorias de seus índices e no cumprimento de metas estabelecidas por organismos internacionais.

Nessa busca por atingir metas, tem sido cada vez mais comum que governos estaduais, municipais ou até mesmo em nível federal, lancem mão de pacotes que já

chegam prontos às escolas e tem na televisão o seu principal cartão de visitas. Esse processo, apesar de possibilitar a melhoria dos índices, recebe severas críticas, pois na grande maioria das vezes, desconsideram as realidades do sujeitos que vão trabalhar com eles, dos professores e dos cenários onde estão imersos. Como ressalta Moreira (1998, p.28), "qualquer projeto educacional se materializa em atividades localizadas, vivenciadas por sujeitos específicos, espacial e temporalmente situados".

Nesse sentido, assim como vivemos um momento onde repensamos o papel da escola, do professor e dos recursos tradicionais como o livro, devemos repensar também os limites que os artefatos tecnológicos possuem, não os vendo como única estratégia para salvar a nossa educação. Pois, é muito comum que os estudantes não façam a travessia da televisão ou de outras mídia de meios de lazer para um meio que possibilita uma aprendizagem efetiva e mais prazerosa, o que acaba por se tornar um porblema bastante comum enfrentado por professores que trabalham com essa metodologia.

Um dos "pacotes" de maior abrangência é o Telecurso 2000, da fundação Roberto Marinho. Para Picanço (2002), centrado na disseminação da educação de massa e na pouca flexibilidade da lógica de disctribuição e da economia de escala, esse tipo de material é carregado de um sentido político, uma intenção econômica e de valores ideológicos.

Esses valores disseminados de forma homogênea por um país de tantos constrates quanto o nosso, acabam por disseminar culturas, falas, estratégias de consumo, que não são compartilhadas por habitantes de regiões geográficas tão diferentes, já que somos um país continente e irrigado por particularidades. Para a autora, o que o Telecurso 2000 realiza é *uma apropriação da tecnologia da comunicação de modo a mecanizar/automatizar o processo de transmissão de conteúdos, promovendo a padronização do processo de ensino, de modo independente do contexto onde é* aplicado.

Para alguns autores, ao adotar esse tipo de pacote, o que vem acontecendo em nosso país é um processo onde o estado tem deixado de investir seriamente em educação, em seus mestres, na estrutura das escolas, na oferta de um melhor serviço para os estudantes, para se deixar seduzir pelos produtos emanados pela grande mídia, que chegam revestidos com a pele da modernidade.

Gentili (1995), destaca que o Brasil está realizando um processo de mercantilização da educação, no qual as instituições escolares têm se tornado, cada vez mais, alvo dos produtos emanados da cultura de massa e de poderosos conglomerados de mídia, como as Fundações Roberto Marinho e Victor Civita, que têm financiado projetos educativos, para

os quais produzem materiais didáticos e paradidáticos em suas indústrias editoriais, recebendo apoio do Estado que compra tais produções ou as financia.

Frigotto (2001) considera que a mercantilização que vem ocorrendo em nosso país, com a aquisição dos pacotes educacionais por parte do estado, *coloca a educação a serviço do capital e não da formação humana.* Assim, vem se pautando à formação dos nossos estudantes para atender os objetivos de uma economia em transformação, abandonando-se uma formação mais completa e humanística.

Telecurso 2000: uma história

A história do Telecurso no Brasil remete à década de 70, quando a Rede Globo de televisão, principal meio de comunicação de nosso país, cria a Fundação Roberto Marinho, em 1978. Empresa sem fins lucrativos produz, em parceria com o Ministério da Educação e a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura de São Paulo, o Telecurso 2º Grau, primeira experiência de teleducação com abrangência nacional.

Criada pelo jornalista Roberto Marinho, a Fundação diz ter como missão contribuir para a solução dos problemas educacionais por meio do uso dos meios de comunicação. Em um país de dimensões continentais como o Brasil e que apresentava baixos índices de escolarização, além de ser uma proposta simpática aos olhos dos governantes do Regime Militar, com os quais a emissora era alinhada, a iniciativa poderia também ter um retorno positivo junto à população.

Fundada a partir de um convênio mal explicado com a empresa americana de comunicação *Time Life*, a criação da Rede Globo de Televisão foi bastante mal recebida pela população brasileira, num momento em que investimentos estrangeiros feitos em empresas de comunicação nacionais eram proibidos.

O site da instituição (www.frm.org.br) coloca que o mentor do projeto, jornalista Roberto Marinho, acreditava na televisão como instrumento para levar educação ao maior número possível de lares brasileiros.

De acordo com Siebert (2005), a evolução do Telecurso desenvolve-se em três diferentes momentos. A primeira fase tem início em 1978, quando a Rede Globo de Televisão começa a transmitir o Telecurso 2º Grau. Assistindo aos programas e comprando os fascículos que eram vendidos nas bancas de jornal, as pessoas podiam concluir os ensinos Fundamental e Médio (na época chamados de 1º e 2º graus). O diploma era conseguido por meio das provas aplicadas pelo próprio governo. Para chamar a atenção do

maior número de pessoas, a emissora usou figuras conhecidas do seu *casting* para protagonizar as teleaulas. Nomes como Marília Gabriela e Denis Carvalho, foram alguns dos primeiros apresentadores.

Por meio de teleaulas exibidas dentro de telessalas montadas em empresas, igrejas, associações de bairros, sindicatos, os trabalhadores teriam acessos aos conteúdos. Essa política estava alinhada ao momento vivido no plano político e econômico nacional, que reivindica trabalhadores com melhor qualificação. De acordo com (Picanço, 2000)

> O Telecurso 2000 abrange uma formação voltada para os interesses e valores, principalmente, políticos, econômicos e empresariais. Isso representa uma ampla e atualizada sintonia de suas ações o conjunto de idéias disseminadas e prevalentes nesse momento histórico, que convergem para a manutenção de uma ordem social definida, para a qual essas ações colaboram.

Essa manutenção da ordem dá-se, ainda, pelo fato do Telecurso 2000 estar assentado numa lógica de emissão-recepção, dois pólos estanques, que no processo de produção do material didático não dialogam. O material ofertado aos que aderem à metodologia chega pronto, sem que aqueles que a recebem tenham alguma interferência em sua produção. Além do mais, não propõe discussões sobre mudanças políticas para os trabalhadores e nem reflexões sobre suas condições de trabalho. Sendo mais uma ferramenta de capacitação de mão de obra.

A falta de interesse para a formação de um sujeito mais crítico, a partir do material do Telecurso 2000, está explícita também na recomendação dada ao modo como os professores devem trabalhar os conteúdos nas telessalas, é recomendado que: *se evitem situações polêmicas para as quais inexiste um consenso social e que contribuam para radicalizar posições portadoras de cunho ideológico e de dogmatismos, optando por uma atitude pluralista e democrática* (FIESP/FR, 1994, p 11-12).

O esvaziamento político ideológico nos materiais do Telecurso, e que busquem desenvolver uma maior consciência sobre a realidade cheia de injustiças da nossa sociedade, está presente também no modo como foram produzidos os conteúdos do TC 2000. De acordo com Picanço, existiu em todo o processo, uma separação do *pensar* e do *fazer, do técnico e do pedagógico,* que não dialogavam, o que denota uma fragmentação do processo. Os custos para produção foram da ordem de 43 milhões de dólares, subsidiados pela FRM e pelos parceiros envolvidos no projeto.

Telecurso no Acre:

No Acre, o Telecurso 2000 chegou no ano de 2002 e recebeu o nome de Projeto poronga. Nesse momento, a educação do estado apresentava uma taxa de 54% de estudantes do ensino fundamental em distorção/idade série. Esses números não se coadunavam com o projeto maior de governo do Partido dos Trabalhadores, que tinha como um de seus objetivos aproximar os índices sociais do Acre dos que são registrados pelos mais bem colocados nos índices que Ministério da Educação anualmente divulga.

Na área de educação, esses números iniciais mostravam que mais da metade dos alunos matriculados na rede estadual de ensino estavam com, no mínimo, dois anos de atraso escolar em relação à série que deveriam estar cursando. A iniciativa atendeu inicialmente uma clientela de jovens e adultos da Capital Rio Branco, em oito escolas da rede estadual urbana.

De acordo com Emily Areal, atual coordenadora do Projeto Poronga, em alguns municípios do interior esses números deviam ser ainda maiores, tendo em vista que quanto mais afastadas as cidades, maiores as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para freqüentar a escola. No entanto, os números das cidades do interior do Acre não causavam tanto impacto, pois a maior demanda vinha das cidades de Rio Branco e Cruzeiro do Sul, que possuem as maiores concentrações populacionais.

> Nós temos muitas escolas localizadas em áreas de difícil acesso, e na época não existia na Secretaria de Educação um setor específico para controlar os números de alunos fora da escola em todos os municípios. Nós não sabíamos, por exemplo, como tava a situação em municípios como Santa Rosa do Purus, Marechal Taumaturgo e Porto Walter, que passam quase todo o ano isolados do resto do estado. (Areal, 2010)

Ao se deparar com essa situação, o governo do estado montou uma equipe de gestores formada pelas professoras Rosa Maria Silva Braga, primeira coordenadora do projeto, e Lúcia Melo, diretora da escola Serafim da Silva Salgado. As professoras fizeram uma série de visitas a estados brasileiros para conhecer iniciativas que estavam sendo realizadas e que tinham com foco a correção de taxas de distorção idade/série.

Nesse movimento na busca de alternativas, o projeto nasceu como resultado de uma visita técnica realizada ao estado do Maranhão, onde era desenvolvido o projeto Avanço Escolar. As gestoras acreanas foram ainda ao Rio de Janeiro, para conhecer a experiência da Fundação Roberto Marinho enquanto detentora da metodologia Telecurso 2000.

Uma das professoras que participaram das visitas técnicas aos estados que desenvolviam programas de correção de fluxo com base na metodologia do Telecurso 2000, a professora Lúcia Melo relembra como foi a visita ao estado do Maranhão, onde era realizado o projeto Avanço Escolar.

> Nós saímos do Acre sem conhecer nada da metodologia, sem saber o que iríamos encontrar. Mas quando chegamos lá, vimos que era uma metodologia interessante, que poderia ser aplicada aqui e que poderia dar resultados. Mas foi tudo uma grande aventura, pois só descobrimos o que era aquilo que a Secretaria nos falou quando chegamos lá. Aí vimos que os estudantes de lá se interessavam pelas aulas, conversamos com eles, com professores, e víamos o envolvimento de todos, e foi aí que a gente se animou em realmente trazer essa proposta pro Acre. (Melo, 2011)

Coordenadora do Projeto Poronga, a professora Emilly Areal destaca que foi o uso da teleaula que chamou a atenção dos gestores acreanos, pois permitia uma maior aproximação dos alunos com os conteúdos, o que contribua para a permanência deles em sala de aula.

> Foi verificado que lá estava dando certo, que era realmente algo que ia trazer um benefício muito grande a essa população de alunos matriculados que estava à margem da escola, porque a escola não estava atingindo o seu objetivo principal que é de ensinar e os alunos que é de aprender. Então foi visto que seria uma metodologia interessante, claro que adaptado às realidades do Acre. Verificou-se que o uso da televisão e do VHS motivava os alunos, a história da novelinha, de você contar um história, você ouvir, você sentir, e você realmente poder estar se sentindo parte daquele contexto, ser uma informação mais contextualizada, trazia significância para o aprender em sala de aula. Uma das maiores características vistas pelos técnicos e gestores do Acre foi o uso da teleaula dentro da sala de aula. (Areal, 2010)

Depois de nove anos de sua criação, o Projeto Poronga é visto pela Secretaria de Educação do Acre como um dos responsáveis diretos pela melhoria nos índices que o estado tem registrado nas mais recentes avaliações realizadas pelo Ministério da Educação, onde o Acre saiu dos últimos lugares e em algumas séries está em quarto lugar.

Como o Ideb é calculado a partir da taxa de aprovação/reprovação, evasão e distorção idade/série e o Poronga tem uma elevada taxa de aproveitamento, ele contribui para que o tempo que o aluno já perdeu seja diminuído, o que faz com que o índice de distorção idade/série caia e a aprovação aumente. Quanto menos tempo o aluno demorar de uma série para a outra (menos reprovação), melhor será o IDEB da escola e do estado. Emily Areal destaca que o programa *"está intimamente ligado aos bons resultados do Ideb do Acre*". Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (Inep), referentes ao ano de 2007, mostra que na 8ª série do ensino fundamental, onde atua o Projeto Poronga, o Acre foi o único estado do Norte-Nordeste a atingir a média nacional, que foi de 3,8.

Diante dos bons resultados alcançados, no ano de 2008 foi iniciado um processo de expansão do projeto para os municípios do interior que ainda apresentavam consideráveis índices de distorção idade/série. Nesse primeiro momento, foram beneficiados estudantes das seis maiores cidades do interior acreano: Cruzeiro do Sul, Sena Madureira, Brasiléia, Xapuri, Tarauacá, Epitaciolândia e Feijó.

É hora do show da poderosa?

Desde o início do projeto, a coordenação sempre destacou o uso da teleaula como o principal instrumento de sucesso da iniciativa, pois permitia uma maior aproximação dos alunos com os conteúdos, o que contribua para a permanência deles em sala de aula.

> Foi verificado que no Maranhão estava dando certo, que era realmente algo que ia trazer um benefício muito grande a essa população de alunos matriculados que estava à margem da escola, porque a escola não estava atingindo o seu objetivo principal que é de ensinar e os alunos que é de aprender. Então foi visto que seria uma metodologia interessante, claro que adaptado às realidades do Acre. Verificou-se que o uso da televisão e do VHS motivava os alunos, a história da novelinha, de você contar um história, você ouvir, você sentir, e você realmente poder estar se sentindo parte daquele contexto, ser uma informação mais contextualizada, trazia significância para o aprender em sala de aula. Uma das maiores características vistas pelos técnicos e gestores do Acre foi o uso da teleaula dentro da sala de aula. (Areal, 2010)

A vivência que a teleaula possibilita é o caminho que a coordenação do projeto encara como um facilitador para os objetivos maiores, que se voltam para um conhecimento em construção, feito a partir de um movimento que envolva os alunos e professores.

Todavia, se a coordenação encara a teleaula como um dos principais fatores para que os alunos entendam os conteúdos e deles se aproximem, a opinião dos professores que vivem a realidade das salas de aula, é diferente. O que podemos ver nos relatos a seguir.

> Na minha sala a hora da teleaula é o momento mais complicado. Os meninos não conseguem prestar atenção, ficam conversando, não se concentram e depois eu tenho que explicar tudo de novo. Quando eu to falando a aula fica muito melhor e eles entendem, mas na hora teleaula tudo fica diferente.
>
> Se não for a gente explicando as coisas, motivando os meninos, eles não ficavam aqui no Poronga não. Tem muito aluno que aproveita a hora da teleaula pra ficar dormindo. Eles dizem que o sucesso do Poronga é a teleaula, mas eu não acho. Os meninos só ficam aqui no projeto pelas coisas que a gente faz em sala de aula, que motiva eles, que faz com que eles fiquem no projeto.
>
> Essas teleaulas tinham que ser mudadas, elas não chamam a atenção dos alunos. Elas foram feitas pra trabalhadores, mas a gente usa com adolescente, acho que por isso os alunos ficam tudo reclamando quando é a hora de passar a teleaula. Acho que tem coisa que eles não entendem, sei lá, não gostam, os meus pelo menos, não gostam.

As falas desses professores mostram um pensamento diferente do explicitado pela coordenação. Eles afirmam existir um desinteresse de alguns alunos pelas teleaulas, e o trabalho que desenvolvem é fundamental para a permanência dos estudantes no projeto, mesmo a coordenação destacando que é o uso da teleaula o fator responsável pelo sucesso do Projeto Poronga. Entre as principais queixas, está o fato das teleaulas não conseguiram despertar a atenção dos alunos ou deixarem-nos dispersos, além de não promover o entendimento de alguns conteúdos, o que só acontece com o seu trabalho, a partir de sua explicação, nos remetendo a Claro (2005). Para a autora:

> A TV não substitui o papel do professor, mas lhe dá uma nova roupagem, ou seja, diante das novas formas de compreender desenvolvidas pelos audiovisuais na vida social, ao trazê-los para a educação o papel do professor é redimensionado, agora ele passa a ser uma gestor do processo de aprendizagem, coordenando o ritmo, as necessidades, os interesses e as divergências, problematizando as informações, promovendo a comunicação e a troca constante entre o grupo de alunos.

Essa gestão de conhecimentos que a autora fala, fica implícita na fala dos professores que trazemos para o texto, pois eles afirmam que a teleaula, por si só, não é suficiente para que os estudantes compreendam os conteúdos, sendo necessária a sua intervenção, explicando, destacando pontos, retomando assuntos que durante a teleaula não são absorvidos pelos sujeitos que habitam as salas de aula do projeto.

Modificar o estabelecido pelo projeto é bastante comum no trabalho dos professores que trabalham no Projeto Poronga. Nas aulas de matemática da professora Vera, que acompanhei, a vi fazer em muitos momentos atividades que fugiam do estabelecido no planejamento da Fundação Roberto Marinho. Na aula que tinha como assunto "metro, centímetro e decímetro", a orientação, segundo ela, era que os professores trabalhassem o conteúdo a partir dos desenhos que apareciam na teleaula.

No entanto, ela levou barbante pra sala e pediu para que os alunos medissem as carteiras, as cadeiras, a televisão, a porta, as janelas, os cadernos e as canetas. Ela pediu ainda para que dois alunos, um menino e uma menina, fossem medir a extensão da sala usando os pés, cada um partiria de uma extremidade e contariam com quantos passos chegariam do outro lado. Esse momento foi de grande excitação para os alunos, era possível ouvir muitas vozes.

Professora, ele tem pezão, claro que vai chegar primeiro do outro lado;

Homem tem o pé maior que a mulher, não pode fazer isso com as meninas, claro que a gente vai perder;

Vai não, ela tem pezão também;

Entre gargalhadas, os alunos iam se aproximando do conteúdo que, durante a teleaula, alguns nem tinha prestado atenção, iam trazendo as noções de medida que já faziam parte de suas vidas e que permitiam fazer relações com os assuntos que estavam sendo abordados. A partir da atividade, inúmeras outras questões surgiram:

Professora, a minha rua eu não posso medir com pé, né? Ela é muito grande, como é que faz?

E, professora, como é que mede um caminhão?

Duvido tu medir a estrada daqui pra Cruzeiro. Essa daí ninguém mede.

Foram algumas das muitas perguntas que surgiram. Nesse mesmo dia foi possível ver, enquanto passava a aula na televisão, alunos usando o celular escondido, de cabeça baixa, dormindo, escrevendo no caderno, aproveitando o momento pra conversar com o colega do lado, sem se envolver com o que estava passando na TV, sem mostrar interesse, sem buscar entender o que se passava ou no que consistia aquela teleaula.

Nesse momento, era uma escola sem vida, fria, distante, com todas as mazelas que, os mesmos alunos, apontavam no ensino regular de onde fugiram para não mais voltar: aula monótona, pouca participação, passividade. Quando as aulas ganham vida é porque outras relações são construídas que, nesse caso, independem do componente tecnológico, é o

humano com o humano dando vida ao ambiente, fugindo de propostas oficiais, é o cotidiano se mostrando enquanto espaço de criação, do novo, do inesperado. Na opinião de Carvalho (2005), a telessala torna-se um espaço onde a mediação midiática das informações encontra a mediação humana de professor e aluno, que utilizam seus referenciais pessoais para negociar e produzir sentidos, através do diálogo, tendo em vista o domínio do conhecimento.

Apesar dos projetos que têm como base os produtos da Fundação Roberto Marinho se caracterizar pela rigidez e pouca flexibilidade, na capacitação dos módulos de matemática e geografia, realizada no mês de julho de 2012, e da qual participei, eram recorrentes falas dos professores que mostravam novas estratégias para trabalhar conteúdos, que não a apresentada pelas mediadoras.

> Na minha escola essa teleaula não funciona. Os módulos de matemática só vão pra frente se a gente começar a usar a realidade dos alunos. Esse negócio ai eles não vão entender. Tem umas teleaulas que são muito complicadas, a gente tem que explicar muito, mudar tudo pro aluno entender alguma coisa.
>
> Eu não ensino porcentagem assim. Desse jeito eles não aprendem, não tem quem faça. Eu tenho que pegar coisas da padaria, do mercadinho, da venda, se não eles não entendem. Essas teleaulas de matemática são muito difíceis, as de português também, Tem coisa que não dá mesmo.
>
> Eu também acho assim como a Fátima, tem muito aluno que não entende as teleaulas de matemática, até porque tem uns que não dominam as quatro operações, ai quem faz a teleaula não sabe disso. Nós que conhecemos os meninos, então a gente tem que começar das quatro operações até a equação. Se for direto pra equação como na teleaula eles não aprendem nada.
>
> Acho que ninguém aqui segue à risca a teleaula. Tem coisa que não é pra sala de aula da gente. Algumas habilidades os nossos alunos não possuem e a gente só consegue avançar quando eles dominam as habilidades. Aqui cada um usa de um jeito, não pode ser a mesma coisa porque os meninos são diferentes. A clientela muda, então a gente faz adaptações, tem que fazer mesmo, tem que chamar atenção dos alunos.

Assim como os professores, os estudantes também apontam motivos que podem explicar o seu desinteresse pelas teleaulas. Donos de itinerários de vida diferentes, de ritmos de assimilação de conteúdos também diferentes, esse estudantes lançam novos olhares para as teleaulas, plurais, pois seus mundos são diferentes dos conteúdos homogêneos colocados pela Fundação Roberto Marinho sem respeitar as especificidades locais e nem os diferentes

sujeitos que habitam as salas de aula. Essa insatisfação de alguns alunos com as teleaulas, fica registrada nos relatos que trazemos a seguir.

> Acho que se não tivesse teleaula seria melhor, porque a professora teria mais tempo de explicar. A gente aprende melhor com as explicações dela, ela explica bem explicado e ai agente *dá de ententer*. Na teleaula às vezes a gente não entende, sei lá, é meio chato, fora que a professora explica melhor do que a teleaula. Prefiro a professora do que a teleaula. (Niedja)

> Não *dá de entender* direito com a teleaula, quando a gente tá entendendo, já passa pra outra coisa. É muito rápido e a gente não *dá de acompanhar*. Tem hora que a gente quer entender, mas já passa, sabe? Ai, com a professora é melhor, por que ela explica, e quando a gente não entende ela volta, ai a gente entende. Com a teleaula passa logo pra outra coisa, ai a gente não entende nada. (Michele)

A fala da aluna Michele traz uma importante questão. Ela demonstra interesse por compreender os assuntos, mas não consegue aprender porque "a teleaula muda muito rápido" e ela não consegue compreender os conteúdos "porque tem coisa que é difícil e "a teleaula não volta como a professora". No entanto, a aluna reconhece o trabalho da professora, "que explica bem explicado e pode voltar o assunto até *dá de entender*".

Na visão das duas alunas, a professora organiza, consegue dar sentido ao que, por vezes, é mostrado muito rápido, sem um tempo para que os alunos vivam o conteúdo, sem que ele ganhe significado, sem se tornar conhecimento, sendo apenas informação, quando muito. Para Isabel Alarcão, a sala de aula deixou de ser um espaço onde se transmitem conhecimentos, passando a ser um espaço onde se procura e onde se produz conhecimento. Uma conceitualização da escolarização neste sentido implica a utilização de estratégias de organização das aprendizagens que assentem no próprio aluno e promovam a sua capacidade de auto e hetero-aprendizagem.

Essa diferenciação entre informação e conhecimento torna-se importante, pois se a professora do projeto em sua aula, não contextualizar, não procurar dar significado aquela informação passada pela teleaula, não consegue fazer com que os estudantes que caminham ao seu lado, construam conhecimento. Moran (2009) ressalta que *na informação, os dados estão organizados dentro de uma lógica, de uma código, de uma estrutura determinada. Conhecer é integrar a informação no nosso referencial, no nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento cria-se, constrói-se.*

Para Morin (2010), a informação se não for organizada, não se traduz em conhecimento, não é saber, e não se traduz em poder. Conhecimento que ele define como pertinente, aquele capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita.

Considerações

Nas vivências tecidas em sala de aula, o inesperado faz surgir constantemente perguntas que põem em questão a aula proposta pela Fundação ou até mesmo aquelas que os professores planejaram. Entre o que é transmitido pela teleaula e as necessidades reveladas pelos estudantes do projeto Poronga, uma série de outras perguntas surge, provocando mudanças inesperadas na abordagem dos conteúdos.

Em muitas telesalas do Projeto Poronga no Acre, é grande a reclamação dos professores da dificuldade que muitos alunos possuem em se concentrar durante a exibição da teleaula.A dificuldade com a linguagem muito rápida da teleaula, a falta de identificação e domínio de alguns conteúdos que aparecem nas pequenas novelas veiculadas,explicam a resistência que alguns alunos revelam em encarar a televisão como meio que propicia aprendizado e não apenas uma forma de lazer. Diferente da visão oficial que credita à teleaula o sucesso da iniciativa, professores e estudantes possuem outra visão, que coloca a teleaula como mais um artefato usado na proposta, mas não o principal.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Celso. *Educação, trabalho e formação na perspectiva do capital: o Telecurso 2000.*

CLARO, Patrícia de Tililio. *Telecurso 2000: a telessala como espaço de recepção, de gestão da comunicação e de ensino-aprendizagem.* Dissertação de Mestrado Universidade Estadual Paulista. 2005.

FIESP. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. *Livre para crescer: proposta para um Brasil moderno.* São Paulo, Cultura, 1990.

_____/FRM. *Fundamentos e Diretrizes do Telecurso 2000*, 1994.

_____ *Cadastro Geral do Telecurso 2000*, 1997.

_____ 1995. *Manual do Orientador de Aprendizagem - Telecurso 2000.*

_____ *Projeto Telecurso 2000. Formação básica para o mundo do trabalho* – Documento Base, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENTILI, Pablo e SILVA, Tomás Tadeu (org). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 2a ed., 1995.

MORAN, José Manuel. *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. In: Novas Tecnologias e Mediações Pedagógicas. Campinas – SP, Papirus, 2000.

MORIN, Edgar**.** *A cabeça bem-feita: pensar a reforma, reformar o pensamento.* 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.